



Magda dos Santos Ribeiro
(magdaribeiro@usp.br) cursa
mestrado em Antropologia Social
no Programa de Pós-Graduação
em Antropologia da Universidade
de São Paulo (PPGAS/USP) e tem
sua pesquisa financiada pela
FAPESP.

TEXTO EM PDF

**COMO CITAR ESSE
TEXTO**



Esta obra está licenciada sob
uma Licença Creative Commons

galeria

O PEQUENO MUSEU DE MIM
por **Carmen Novo**

O pequeno museu de mim: a vida
das coisas

Carmen Novo

Imaginações, memórias e coisas: a
arte fotográfica de Carmen Novo
Magda Ribeiro

voltar ao index

Imaginações, memórias e coisas: a arte fotográfica de Carmen Novo

Imagens e objetos. Este é o ponto de partida de Carmen Novo. No pequeno museu apresentado pela artista as coisas ganham vida e suas imagens tornam-se uma maneira de ver e pensar, elas fazem uma caçada na escuridão de nossas mentes e oferecem o *outro* ao nosso pensamento. Este outro, entretanto, não é uma pessoa, mas um objeto material a partir do qual diferentes relações pessoais dotadas de sensibilidade tornam-se visíveis.

Mergulhar nas imagens, escreve Sílvia Caiuby (2004:11), é, provavelmente, a melhor maneira de apreender o que, muitas vezes, nos parece inapreensível. Para nós, antropólogos, as imagens se assemelham à etnografia, pois nos permitem “ter acesso a uma realidade outra que está como que submersa nas teias da familiaridade de encobrem nosso olhar.” Paradoxalmente, são as imagens que nos permitem ir além daquilo que é imediatamente visível.

O campo que a antropologia da imagem abre às ciências sociais é vasto, colocando para nós o desafio de compreender universos onde a palavra não escreve, tampouco fala. Não se trata de abordar como a realidade – ou a ficção – é representada, mas, sobretudo, trata-se de entender as imagens como objetos que pensam – sobre nós e sobre si próprias. De acordo com Etienne Samain⁰¹, o verbal, ao instaurar-se como ordem epistemológica nas ciências sociais, fez com que a fala e a escrita imperassem sobre o visual.

Tive a oportunidade de conhecer o trabalho de Carmen Novo por meio de Rose Satiko G. Hikiji, uma antropóloga para quem o mundo das imagens foi sempre tema de interesse e pesquisa. Conhecendo meu envolvimento com os estudos sobre a materialidade e sobre como os objetos apresentam-se enquanto poderosos mediadores – e por que não dizer protagonistas – das relações humanas, Rose me apresentou Carmen, cujo trabalho, imediatamente, me absorveu.

As coisas, nas fotografias e vídeos de Carmen, não são meros artefatos físicos ou artifícios úteis às necessidades humanas. Ao contrário, são dotadas de simbolismos, portam valores sociais e são capazes de resguardar memórias individuais e coletivas. Percebemos, assim, o quanto nossa humanidade emerge através das coisas, nelas faz-se imediata a presença de outros e, também, de nós mesmos.

As imagens e vídeos contidos nesta exposição formam uma série de entrelaçamentos, cujo foco não pretende retratar, de modo algum, apenas objetos. São imagens que iluminam, sobretudo, a sensibilidade humana, apresentando-nos uma rota de acesso às pessoas por meio das coisas.

Jean Baudrillard (1968:10), muito embora tenha pensado sobre os objetos de maneira crítica, não pôde deixar de evidenciar a forma como estes são, além de obtidos, vividos por seus possuidores. Para muito além das funcionalidades que por

ventura atendam, os objetos fundem-se a um sistema cultural e social, resultando processos sistemáticos de conduta e de relações humanas. As relíquias ou lembranças de família – sobre as quais muitas das imagens de Carmen versam – são, para Baudrillard (1968:29), espelhos diacrônicos, capazes de resgatar, na presentificação de sua materialidade, momentos e pessoas deveras distantes ou inalcançáveis.

As escolhas de Carmen Novo são, ao mesmo tempo, um deleite e um dilema. A presença dos objetos, em seu trabalho, deixa falar um *outro* aparentemente inanimado. As coisas, protagonistas deste projeto, revelam um semblante esquecido, quer seja de entes queridos ou desconhecidos, quer seja de si. Os objetos, todavia, não se tornam a expressão de outra pessoa, mas tornam-se uma recolocação controlada e interiorizada da ausência do *outro*. Ao mesmo tempo em que as coisas narram o passado, também reinventam o futuro.

Se estamos de acordo com a teoria de Gell (1998), os objetos podem ser entendido, para além de seus aportes estéticos, artísticos ou utilitários, como o *outro* das relações, e disso depende todo seu argumento. Isso implica, sobretudo, em repensar o paradoxo de que as coisas podem agir somente a partir de desejos e intenções humanas. Nesse sentido, Gell (1998:20) enfatiza que qualquer objeto material pode configurar-se enquanto um agente potencial, dependendo dos tipos de relações que estabelece e das influências que exerce.

As imagens, para Gell (1998), possuem importância fundamental. No processo de produção artística os agenciamentos são múltiplos e diferentes; o artista, por exemplo, pode agir sobre as pessoas e coisas retratadas, do mesmo modo suas imagens – sua arte – podem agir sobre o próprio artista ou sobre o observador. No limite, são os objetos os agentes e protagonistas das imagens de Carmen, se mostrando e se fazendo visíveis na relação que estabelecem com seus portadores, onde aparecem como *lócus* de afeição, intenção e significado.

A originalidade do trabalho de Carmen permite que uma imagem seja lida através de outra, refletindo, simultaneamente, o olhar da artista e a sensibilidade com que cruzou os diferentes significados, estejam eles narrados nos movimentos dos vídeos ou aprisionados na intensidade das coisas que fotografou.

Carmen, ao relacionar-se com estas pessoas e seus objetos produz, ao mesmo tempo, um museu de *outros* e de *si mesma*, aprisionando em suas imagens um instante de sentido e memória. A artista nos apresenta um modo de apropriação de um mundo mais amplo e, simultaneamente, a representação de um mundo cujo domínio é íntimo e privado.

Nessa seqüência de imagens e vídeos, observamos a maneira pela qual os objetos materiais e as pessoas alteram a vida uns dos outros, colocando em relevo a intimidade e a diversidade com que pessoas podem relacionar-se com coisas materiais.

A proteção que oferecemos a certos objetos e o apreço que por eles nutrimos, com efeito, não resultam de seus atributos físicos, mas, segundo afirma Appadurai (1986:39), é sua circulação que repercute um aspecto muito importante na construção de identidades individuais e coletivas. Nesse sentido, a história de vida do objeto é essencial, pois é nessa biografia que reside seu valor maior, seu atributo mais sensível.

Na antropologia, a abordagem biográfica de pessoas não é, certamente, uma novidade. Contudo, observamos surgirem, cada vez mais, etnografias que apresentam como tema central a biografia de coisas⁰², a partir das quais é possível reconstruir percursos e trajetos inesperados, os quais possibilitam, seguramente, entender a relação entre pessoas e coisas ou a importância da materialidade na vida humana sob outros aspectos.

Nas imagens de Carmen, são as mãos trêmulas que tocam as cordas do violão ou acariciam o anel entre os dedos, seguram e mostram a medalha ou, simplesmente, deixam pousar com afago o urso no colo. As fotografias que compõem este belo projeto visual nos fazem refletir sobre o fato de que alguns objetos são escolhidos em detrimento de tantos outros, jogando luz nesse intenso processo de abandono ou compaixão que nutrimos por certas coisas.

Apreciamos, nestas imagens, um novo estado de agência, cuja reflexão repousa na participação ativa dos objetos e da cultura material na constituição de nossas vidas. As coisas que possuímos, guardamos ou carregamos expõem, com irreverente nudez, quem somos e, contudo, revelam a mobilidade ou a estabilidade de nossos sentimentos com relação àquilo que decidimos manter ou abandonar.

O encontro entre pessoas e coisas que propõe Carmen é uma possibilidade de reconfigurar ambos, de reparar e reescrever as narrativas de suas trajetórias pessoais. Isso porque os objetos remontam o passado e nosso freqüente contato com sua materialidade e existência física torna-se uma atividade constante de externalização da memória. Somos forçados, portanto, a confrontar diretamente os objetos materiais, escolhendo entre mantê-los ou abandoná-los durante nossa passagem através da vida.

A presença das coisas pode ser uma tentativa de reproduzir a proximidade de relacionamentos cujos laços não existem mais, seja pela ausência dos corpos vivos daqueles que amamos, seja pela distância que mantemos, frequentemente, de nós mesmos. São os objetos responsáveis pela delicada conexão entre passado e presente, ausência e lembrança, permitindo ressignificar os relacionamentos, fazendo perdurar os laços afetivos, de maneira física e palpável à sensibilidade humana e não apenas à memória, que percebe com o tempo.

No pensamento ocidental contemporâneo, admitimos que as coisas – objetos materiais, assim como o direito que temos de possuí-los – representam o universo natural dos bens. Exatamente no pólo oposto situamos as pessoas, as quais freqüentemente representam o universo da singularização. Tal polarização conceitual entre pessoas e coisas deixa evidente quem é dono e quem é possuído, senhor e servo. Entretanto, as expressivas imagens apresentadas nesta exposição virtual configuram-se enquanto uma rara oportunidade de olhar por trás de cenas reservadas à esfera íntima, pessoal e doméstica, trazendo à tona o fato de que pensamos possuir coisas, mas, as coisas, com efeito, também nos possuem.

Por fim, Carmen nos faz um intenso convite aos olhos, aos sentidos e, sobretudo, à possibilidade de nos entregarmos ao apreço que sentimos, não somente pelos objetos, mas igualmente pelas belas imagens.

Referências Bibliográficas

Appadurai, Arjun. *A Vida Social das Coisas: Mercadorias sob uma perspectiva cultural*. [1986] EDUFF, 2008.

Baudrillard, Jean. *O Sistema dos Objetos*. Editora Perspectiva, 1968.

Gell, Alfred. *Art and Agency: Na Anthropological Theory*. Oxford University Press, 1998.

Novaes, Sylvia Caiuby; Barbosa, Andréa; Cunha, Edgard Teodoro da; Ferrari, Flôrência; Sztutman, Renato; Hikiji, Rose Satiko Gitirana. (orgs). *Escrituras da Imagem*. Edusp, 2004.

Notas

[01](#) Para Etienne Samain toda imagem nos faz pensar, ao mesmo tempo que é também portadora de pensamento. Nesse sentido, o autor coloca como indagação central o fato de as imagens poderem produzir pensamento, de modo que poderíamos, então, afirmar que as imagens são "formas que pensam". Tais questões serão abordadas na obra *O que [como] pensam as imagens* (no prelo) organizada pelo referido autor.

[02](#) Sobre essa abordagem é possível encontrar excelentes artigos e textos publicados na revista *L'Homme: Espèces d'objects*, 170 avril/juin 2004 e também no livro *Thinking through things: theorising artefacts ethnographically*, Routledge, 2007.